

**E LÁ NO
FUNDO,
O QUE É
QUE TEM?**

Fernanda Haske1

E LÁ NO FUNDO, O QUE QUE TEM? O ENCONTRO DOS TEMPOS NO ENTRE-MAR — as plantas comem as estruturas do abandono

por Fernanda Haske1



Dedicado à Mata Atlântica

E LÃ NO FUNDO, O QUE QUE TEM?

No entre, tem mar. No fundo, tem ruínas e abandono.

Durante centenas de anos, humanos negaram todos os alertas de cientistas: a temperatura da Terra subiu 70oC. Ninguém ouviu os indígenas: o céu caiu assim que a última árvore foi derrubada. As partes continentais estão submersas, pedaços de chão visíveis eram montanhas de 200 metros de altura e se fizeram ilhas no nível do mar. O planeta está inabitável para espécies não hibridizadas. Remanescentes de vida humana metamorfoseiam-se com peixes, pássaros e plantas. Mulheres em mistura adquiriram habilidade de formar agrupamentos de convívio com o feitiço cotidiano do encantamento. A existência só é possível por intermédio do espaço de aplicação de magia e inteligência artificial – especialista em criar imagens modeladoras de realidades. Ativar o imaginário e potencializar o campo sensível é condição da imaginação de mundos possíveis e territórios de refúgios existenciais. Terra Batida é o nome da rede de pessoas hibridizadas, em ecologia de práticas e saberes, que repousam nos efeitos da violência ecológica e políticas de abandono – imperativo de eras a fio. Em 3.983, na ponte transatlântica construída com fios solares e pedaços de sal, acontece o cíclico encontro de multiespécies mutantes para discutir a precariedade das condições de vida na Terra. Adnanref, um ser-mistura entre corpo de mulher, baleia e bromélia da extinta Mata Atlântica, é estudiosa do tempo aquático e vivencia a tessitura de diálogos multilinguagens. Com uma coleção de Diários de Encontros e Cartas à Deriva, ela compõe uma bússola outra: o encontro dos tempos.

CARTAS À DERIVA

Em um mergulho no fundo do mundo, Adnanref encontra um pequeno pote fluorescente. Nas ruínas de uma escola de arte abandonada, o recipiente com cores de arco-íris, abriga um

pequeno–minúsculo caderno–multidão. Fazer expedições para investigar Fundões do mundo era rotina de Adnanref. Muito intrigada com o que encontrou, nadou com a pressa da curiosidade até a ilha mais próxima: no sul do Oceano Atlântico, a ilha da magia, terra que habitava um lugar conhecido como Brasil – um antigo canteiro de experimentação de exploração, opressão e extermínio – líder no implementar política de morte.

Assim que chegou em terra firme, foi acolhida por uma de suas irmãs sobreviventes da oitava extinção em massa: a bromélia da extinta Mata Atlântica. A existência das bromélias guardava boa parte da esperança do planeta. Com a experiência de 450 milhões de anos de vida na Terra, é capaz de iniciar florestas devido sua habilidade de viver em comensalismo e agregar a biodiversidade. Adnanref, quando recebeu em seu corpo o encanto do corpo da bromélia como parte de seu processo de hibridização, assumiu um compromisso irrestrito: compartilhar tudo o que encontrasse. Juntas abriram o pequeno recipiente colorido e para surpresa de ambas, um acontecimento inédito: o minúsculo caderno era falante. Seus rabiscos traziam consigo vozes de multidões em formato de desenhos e letras. O minúsculo–multidão de papel continha tracejados uma pesquisa coletiva feita em 2023. Traços do devir com capa de bússola que se diziam cartas à deriva, in–mundo, em húmus–idades. Os registros de um tempo outro traziam dizeres de encontros entre humanos, ainda em espécie específica, que pesquisaram o Fundões de mundos. O que emerge do encontro entre Fundões?

MMXX ENCONTRO CÍCLICO MULTIESPÉCIES

Muitas convidadas, poucas presentes. Adnanref estava ali para contar a história, compartilhar a investigação coletiva daquele pequeno caderno do fundo do mundo. A geodésica climatizada recepcionava o evento e Gerânio, uma inteligência capaz de traduzir o que estava no caderno em imagens digitais foi acionada. O triálogo entre Adnanref – mulher/baleia/bromélia, o pequeno caderno multidão do fundo do mundo e Gerânio estava

prestes a começar. Os tambores se manifestaram em polifonia¹ dando início ao com-versar. O primeiro a se manifestar foi o minúsculo caderno que abrigava dizeres coletivos, mostrando:



Imediatamente, em um esforço de tradução, Gerânio² se expressou em uma imagem, criando um "entre-mar" com encontro multiespécies, tentando resgatar o ano de 2023.



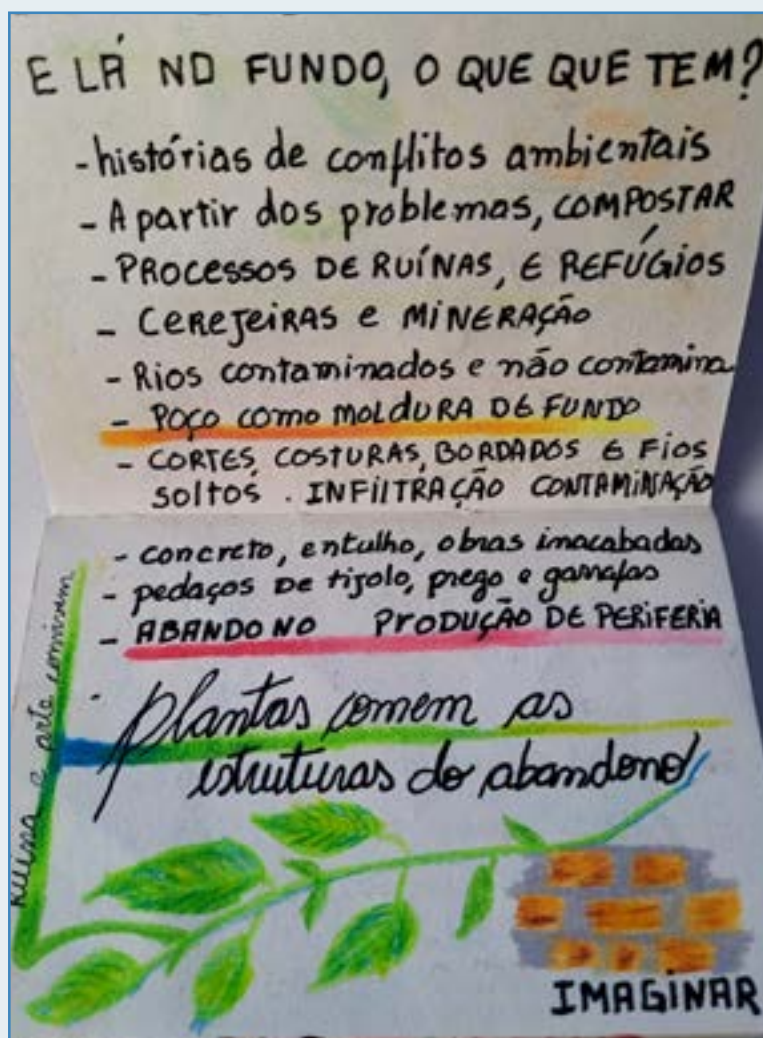
¹ Ouça com a gente: <https://www.youtube.com/watch?v=yFVQP6KD788>

² Com apoio de Discord, MidJourney, função /imagine:.

Gerânio sabia que era uma tradução imprecisa, precária como o mundo. Estava disposta a levar as mensagens para o MMXX encontro cíclico multiespécies. Não é fácil descrever o encontro entre o Fundão de um lugar chamado Portugal com o Fundão do Brasil – colônia de Portugal. Por isso, o gerânio sentia e ecoava por entre as presentes imagens de 1500 mescladas com 3983.

Ao acessar a memória, Gerânio, quis trazer especificidades do encontro entre Fundões, mas pifou ao encontrar a escravidão. Tentou refazer a imagem trazendo embarcações transatlânticas: relembrando o ano de 1500, quando Portugal invadiu o Brasil.

A pergunta de abertura do caderninho: 'e lá no fundo, o que que tem?' parecia invadir a composição dos territórios de habitar das presenças–presentes.



A imagem do brotamento de Fundões no Entre-mar de Portugal e Brasil projetado por Gerânio parecia revelar o início da queda do céu como alertava, desde 2015, Davi Kopenawa, um antigo xamã yanomami de terras brasileiras. A lista-resposta do caderno revelou o que tinha no Fundão na época em que a Queda do Céu apenas prenunciava o fim das condições de vida. Adnanref ficou inquieta. Ela sabia que em 2023, ano da feitura do pequenino caderno de registro da pesquisa coletiva sobre o que que tem lá no fundo, o mundo ainda não era Fundão, daria tempo de sustentar o céu. Assim que conseguiu passar da primeira página do caderno-multidão, Adnanref teve a confirmação de que estavam em uma das dobras do fora do tempo. O encontro entre Fundões como territórios existenciais anunciavam fabulações especulativas e arte como imaginação política na ponte sobre o Oceano Atlântico.

Isso significava dizer que havia um segundo de chance de interferir no passado e mudar radicalmente as condições de vida na Terra. Para tanto, era necessário conhecer o Fundão do Brasil e de Portugal para evitar tal acontecido: a queda do céu.

Os Fundões do mundo, em 2023, compartilhavam entre si as ruínas do abandono. E ao invadir-se em páginas escritas da pergunta de investigação coletiva sobre o que tinha nos Fundões desses lugares, o caderno falante de letras e rabiscos disse que tinha uma resposta inicial a pergunta de investigação:

não sei o que há no fundo, no entre tem mar.

*A curiosidade foi do fundo para o entre: o que há entre os Fundões?
como imaginar mundos no fim do mundo, com guerras, bombas,
pandemias, queimadas, enchentes.*

O Oceano Atlântico parecia desde sempre protagonizar os encontros entre diferentes. O mar é curador do habitar e curadoria do existir nos fundos dos mundos. O 'Pequeno Caderno minúsculo-multidão' em pouco tempo, tornou-se casa de notas-palavras-imagens desviantes de fundos.

Caderno miúdo, descritor do entre-mar, no encontro dos tempos. Com lápis de cor, deslizos de linhas se fizeram palavras e desenhos em um mini caderno que cabe na palma da mão. Cartas à deriva. Caderno-minúsculo-multidão. Caderno Pequeno de Fundo. Vozes dos outros. O caderno se mostrava assim: repetido. Com o se fazer palavra do tempo, dizia das coisas presentes no encontro entre Fundões em 2023:

- A.** Histórias de conflitos ambientais;
- B.** Compostar a partir do problema;
- C.** Processos de ruínas e refúgios;
- D.** Cerejeiras e mineração;
- E.** Rios, fungos e tampas de marmita;
- F.** Poço como Moldura de Fundo;
- G.** Cortes, Costuras, Bordados e Fios Soltos de Nós;
- H.** Contaminação e infiltração;
- I.** Concreto, entulho, obras inacabadas;
- J.** Pedacos de tijolo, pregos e garrafas;
- K.** Abandono, ruínas e produção de periferia;
- L.** Plantas que sobem escadas para paredes fechadas;
- M.** Plantas comem as estruturas do abandono;
- N.** Ruína e a arte convivem;
- O.** IMAGINAR.

As a-gentes presentes do MMXX encontro cíclico multiespécies ativaram suas percepções e com uma sensibilidade muito aguçada começaram a se reposicionar afetivamente naquele ano de 2023.

AS PLANTAS SOBEM ESCADAS, OCUPAM FRATURAS DE RUÍNAS E COMEM AS ESTRUTURAS DO ABANDONO

As plantas comem a estrutura do abandono e sobem escadas vazias. Trepadeiras sobem escadas que dão para nada. Os fungos ocupam todo o lugar. Uma mesa trilógica multiespécie. Era inédito um pequeno caderno de fundo do mundo, encontrado em um pote multicolor, contando rabiscos e desenhos para uma mulher mutante feita de baleia e bromélia que conversa com Gerânio – um ser que cria imagens a partir da conversa na mesa geodésica na ponte sobre o Oceano Atlântico.

Como suspender a Queda do Céu no fundo do mundo?, pergunta o pequeno caderno miúdo. Então, ainda dava tempo de sustentar o céu, pensou Adhanref, que acaba de encontrar um portal do



imagem do coletivo pesquisador | Paula Lacerda e Hyldalice

tempo. O caderno se fez entre abril e setembro de 2023, em ciclo de investigação e fabulação coletiva e perguntava: **e lá no fundo, o que que tem?**

O caderno foi se explicando, se apresentando e expondo coisas de logo ali. O Fundão, em Portugal, encontra e troca com contextos e pessoas em torno a conflitos florestais (cultivo intensivo de eucaliptais e pinhais, risco de mega incêndios, saberes associados a plantas nativas da região) e também em relação à mineração (novos focos de prospeção de lítio e também as minas desativadas da Recheira ou em funcionamento como a Panasqueira). Com Terra Batida em colaboração com o Humusidades, nos dedicamos entre maio e agosto de 2023, com encontros quinzenais, via zoom, a uma abordagem de pesquisa comparativa e especulativa entre o Fundão português e a Ilha do Fundão, situada na Baía de Guanabara no Rio de Janeiro.

O caderno mostrava que era preciso desde então coragem para visitar o que está arruinado, arruinando. No Fundão tem estruturas do abandono. No entre mar já havia restos, resíduos, registros e resistências à mineração, à monocultura do pensar e ao medo de ser mulher com o patriarcado do Fundão.



COR-AGEM

DE

VI-SIT-AR O QUE ESTÁ

AR-RUI-[N]A(N)DO

entre mar | Restos

Resíduos

Registros

Resistência

Monocultura do pensar

Mineração

Migração

Mede

Medo. Ser mulher no Fundão é ter medo.

Mulheres no *trans-mar*.

PENSAR COM PLANTAS E FABULAR COM FLORES

As notas e desenhos do Pequeno Caderno serviram como "palavras-de-ordem" para Gerânio no comando [/imagine:] da inteligência artificial no MidJourney do Discord.

Plantas comem a estrutura do abandono e consomem as ruínas do fundo do mundo, repetia-se. Gerânio fabulava imagetivamente no borrar intenso entre orgânico e artificial, em multiespécies e com saberes plurais emaranhados de polifonias naturezasculturas.



Desde que seu corpo foi encantado pelo corpo da bromélia da Mata Atlântica, na experiencição do deslocamento no devir-mundo-com seres outros que humanos, pensar com a vida das plantas e fabular com com o modo de existir do ser-flor se tornou um hábito para Adnanref. Em assembléias multiespécies, vivenciava, desde criança, o devir mundo-com plantas e mamíferos aquáticos. Traduzir a multidão do minúsculo caderno em imagens fabulativas na radicalidade do devir multiespécies. Imagens para ativar o campo sensível e abrir janelas de

reinventar mundos outros. O exercício da arte como imaginação política no suspender a queda do céu.

Se as palavras criam mundos, as imagens abrem caminhos para o encontro dos tempos e outros mundos possíveis. Transpor dizeres coletivos em Autos do Pentágono Fabulativo. As presenças presentes do MMXX encontro cíclico multiespécies se dedicam e assumem o compromisso de favorecer e facilitar o encontro entre os tempos. Ineditamente 2023 e 3983 imantam perguntas em pontiagudos pentágonos:

1. E lá no fundo o que que tem?
2. Como Pensar com Plantas e Fabular com Flores?
3. Como Florescer-se entre fundos abandonados?
4. Como sustentar o céu nos fundos dos mundos?
5. Como as plantas sobem escada em paredes fechadas?

De responsabilidade coletiva, por um fio invisível pendurado desde o teto, o "Pequeno Caderno de Fundo Minúsculo Multidão" com as notas analógicas. Gerânio fabula as imagens das palavras tecidas nos nossos encontros daquela pesquisa coletiva detida no caderno. Aterro, especulação, mineração, oportunidade de explorar, hub de inovação. Palavras-paradoxo.

O POÇO COMO ENQUADRAMENTO DO FUNDO: ENCRUZILHADAS DO OCEANO

O mar é o fundo do mundo de alguém.

Se você fosse outro, que outro seria? Baleia, respondeu ela.

Se o mundo do fundo é o entre, como habitaria o fundo do mar?

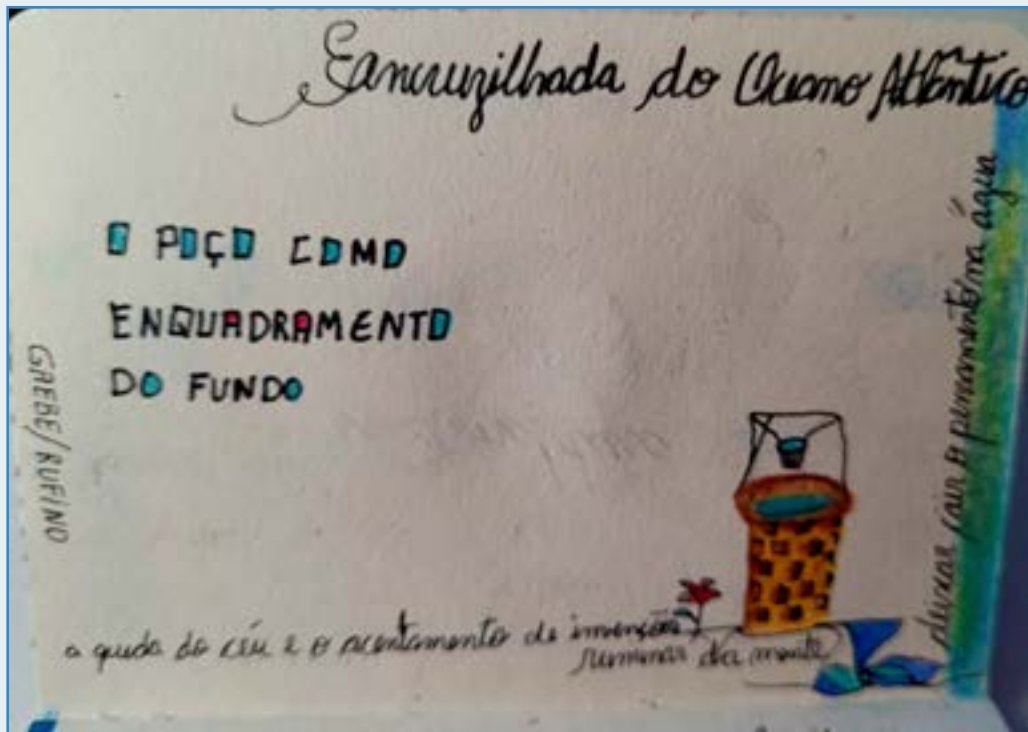
Lá no fundo tem abandono, tristeza, buracos costurados, bordados com linhas incuráveis de nós. Tem distância.

Se o fundo for buraco de bordas bordadas de vividos em nós?

Tecido de pele. Mar como lugar de curar, curadoria.

O fundo do mar. O fundo da terra. O fundo do céu.

O 'contra-corpo' do céu. O contratempo no encruzo do oceano.



Deixar cair o pensamento na água.

O poço como enquadramento de fundo.

No entre tem mar. No fundo tem A QUESADA DO CÉU.

No fundo tem TRISTEZA BORDADA DE LINHAS E NÓS.

O céu já caiu uma vez e vai cair de novo, diz Kopenawa. Caiu.

A especulação mobiliara 30 andares de Godard?

No fundo tem tristeza.

Ainda está procurando o que bordar no fundo da tristeza.

Diz estar furando e bordando o fundo com nós e linhas soltas.

Costurar buracos e atravessar abismos.

Fundões que tem dentro um mundo furado e remendado.

Fundo falso como experiência. Fundo da gaveta. Mergulhar.

Lembrar do fundo da gaveta. Simulacro.



SIMULACRO é o Fundo que abriga a queda do céu e o assentamento das invenções no ruminar da mente. A natureza vai construindo fundos. Fundos de mar. Mar como lugar de curar, curadoria – de novo e de novo. Puft, caiu o céu. Do alto da montanha pode-se ver momentos invisíveis.

Mar como uma nova paisagem.

Inunda tudo. Aprofunda. Tem ilhas de terra na Terra. Mapa.

FUNDÃO DE PORTUGAL

A casa da cereja a semear afeto no corpo e fazer brotar futuros. Ficar como problema. Tem mineração, contos ao vento. Experiência de investigação coletiva a partir da vontade e não da leitura. Não falar sobre, falar com. Palavras criam mundos Palavras do Fundão de Portugal:

- A. Isolamento forçado e vontade de fugir;
- B. Floresta, permacultura, conhecimento das plantas;
- C. Canto dos ventos, vales e montanhas;

- D. Casa de cereja e mineração;
- E. Minas com 300 trabalhadores;
- F. Avistamentos de objetos voadores não identificados OVNIS;
- G. Por entre cereja e mineração: machismo.



Contos ao vento na mineradora abandonada. Ruínas em destruição. Queimadas. A casa de cereja fica com problema e semeia afeto no corpo no fazer brotar futuros.

Que história é contada?



Com atenção tática, Gerânio traduz as palavras de ordem do minúsculo caderno multidão: ruínas da mineração em uma casa de cereja com contos ao vento no entre mar.



A mineradora abandonada e a casa de cerejas.

Gerânio tentou dizer do que era feito o Fundão de Portugal.

Os presentes no MMXX encontro pediram intuitivamente uma imagem adicional.



F

- alta
- undo
- also como experiência no
- undo da gaveta no
- undo do mar.



Gerânio entendeu que no fundo do oceano, o fundo da gaveta é mulher.

De onde estou olhando para o mar?

E lá no fundo o que que tem? No entre, mar. O mar como fundo. O fundo da gaveta. O mar no fundo da gaveta. Gaveta como mulher. Saberes localizados e ecologia das práticas: mulher-multidão pensa com plantas e fabula com flores. Repetições e localizações.

Curto circuito na geodésia. Que histórias podemos contar por entre os pixels? Imagem-justa, justa imagem.

Mulher-planta-baleira no entre mar e o mundo como Fundão.

FUNDÕES DO BRASIL: RIO DE JANEIRO

Restos de universidade de arte. Capitalismo e Fundão.

O Fundão sem ser visto apenas como terreno de esquecimento, resto de capitalismo e patriarcado.

O aterro do mangue e o espaço de esquecimento.

O que modifica saber do abandono?

Um lugar largado, quis arrancar de si. O que podemos fazer?

O que de pequeno podemos fazer? Um caderno pequeno de fundo sabe pendura-se caderninho minúsculo-multidão nos buracos bordados de fios soltos de nós.

Cuidar das crianças.

E quando do fundo há vida? Floresta Nacional, Parque Estadual Sítio do Fundão. A suavidade do fundo da terra com raízes proeminentes, veias do caminho. Território de vidas aterradas, criadas em camadas. Sambaquis.

NO F U N D O
DO T E M P O

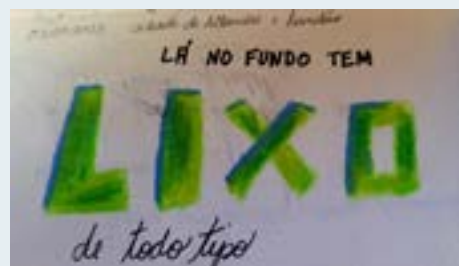
Como sair de produções individuais e produzir em coletivo?

Pigmentos naturais para paisagens futuras. Reflorestamento. Regeneração da mata. A linguagem da trilha são raízes, veias da terra, teias da vida, marcas do tempo. Barro em modelagem.

Linguagens possíveis com seres com outros modos de vida. Fabulação especulativa com um punhado de terra.

Lá no fundo

tem LIXO de todo o tipo.



O QUE AS PRESENCAS FALAM DO LUGAR?

Intensidades das
Recorrências nas
Ruínas.



Fungos crescem com tampas de marmita, arte com ruínas.

Todo lugar tem fundo.

Fundão não tem chão.



Estalactites e tampa de marmita.

seres pequenos.

CONTER

CONTAR

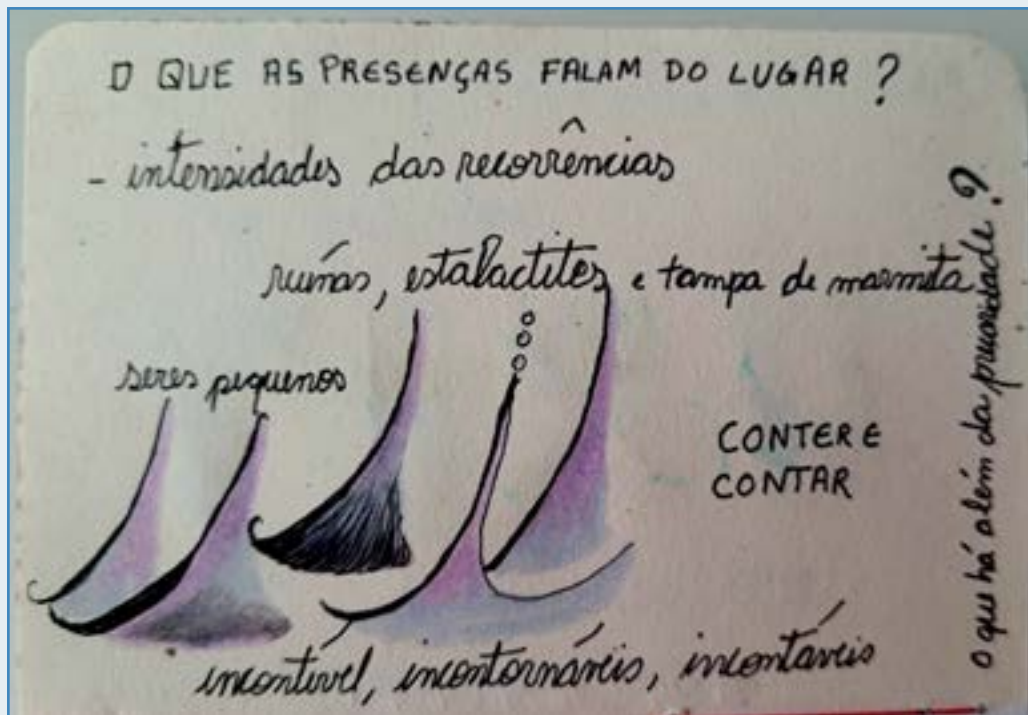
incontível. incontornáveis. incontáveis.

O que há além da precariedade?

Retratos do que o tempo faz.

Fundão não tem chão.

Camadas vivas sobrepostas.



Fundão sem chão: camadas vivas, sobrepostas.

incontáveis. incontornáveis. incontíveis. irreparáveis.

irrestritas. imensidão.

A PLANTA SOBE A ESCADA QUE LEVA A LUGAR NENHUM

Entre Fundões, meios.

Imagens e figuras se repetem.

Plantas crescem no concreto.

Fundão pode ser centro e não sobra.

Já não são para o que seriam, os fundos

das **gavetas**

Planta sobe escada.

O fundo da superfície.

A superfície do fundo.

Todo lugar tem Fundo.

FUNDO DO MAR, ruínas no ar.

Bromélia floresce em escadas enraizadas de ruínas sem ar, sem mar.



Produção de vida nas ruínas à deriva até a água. O abandono coletivo e a ocupação das plantas. A produção do cuidado. A produção de mais vida nas vidas vividas, a potência de agir, a vontade de viver.

O FUNDO DO LUGAR

Se Anna Tsing segue os cogumelos, o que estamos seguindo nessa pesquisa?

O abandono.

Plantas comem as estruturas do abandono.

Bordados com os vazios, processo de construção da paisagem com tampa de marmitta. Formas de aproximação e aprender a notar, cultivar a prática da correspondência com coisas fundônicas (Fúndicas, Funda-única), contaminação, esgarçar o tempo. Com fotos do caminho de chegada no Fundão. Concreto, duas árvores inclinadas e um campo tecnológico com porcos e abutres. Mapa afetivo. Composição. Construção de imagens com Gerânio, criar um ser, um poema documental.

Aparecia OVNIS no Fundão de Portugal.

Esse asteroide tem nome?

Eles deixaram assistir o tamanho do mundo no fundo.

Muita coisa cabe no mundo.

Quem vive, quem morre, como vive e como morre? Viver e morrer, no entre-fora da fita de Möbius.

Fazer viver e morrer mundos.

Um Poema Documental com Inteligência Artificial: um Manifesto Ciborgue no Encontro entre Artes, Ciências e Filosofias.

Corpa-coletiva-composição-constelação da bromélia no devir humana nas bordas da Mata Atlântica. Uma ilha de magia em desencanto. No fundo, o entre-mar. Se palavras criam mundos, que mundos criam as imagens? Midjourney e o comando /imagine. No exercício de bordar nos borrados das bordas entre floresta e cidade, polifonias naturezasculturas. Habitar o fora e sustentar o entre, viver em bordas, nos limites do mapa-tempo.

No encontro entre inteligência artificial, a humana-mulher com o corpo-campo-território encantado com a vida das plantas. Pensar com planta e fabular com flor os dizeres de investigação

coletiva: e lá no fundo, o que que tem? Fabular as imagens das palavras tecidas nos encontros com Gerânio.

A arte como imaginação política, fabulação especulativa, narrativas multiespécie em fabricação de um caderno que cabe na palma da mão: o Pequeno Caderno do Fundo, miúdo-minúsculo-multidão. Registros com rabiscos e desenhos encontrados no pote colorido com arco-íris, à deriva do Fundão entre-mar. Um pote pode.

Uma cesta para carregar fragmentos de falas de encontros, um vaso cheio de espaço para carregar imagens de outros mundos possíveis. A partir do vivido, ativar o corpo sensível na arte de notar modos de vida outros. Planos imanentes (platôs) de regeneração: produtores de mais vida nas vidas vividas em política afetiva, na política do encantamento, produção do cuidado com fragmentos e ruínas.

"A oralidade
sugere imagens,
a escrita resume"

(KRENAK, 2022)

Que mundos fazem imagens?

Gerânio fabricou o encontro entre os Fundões de Brasil e Portugal em 2023, quando o céu ainda estava de pé.

O encontro dos fundos e os brotamentos nos abandonos do mundo.

Geodésia fechando. Últimas imagens geradas por Gerânio cansado. /notas de fim



Como as plantas comem as estruturas do abandono?

As plantas sobem escada em paredes fechadas.

Plantas comem a estrutura do abandono.

Plantas sobem escadas e ocupam ruínas.

Seres hibridizados de 3983 habitam 2023 e com responsabilidade coletiva sustentam o céu no entre-conto.



REFERÊNCIAS

COCCIA, Emanuele. A vida das plantas: uma metafísica da mistura. Florianópolis: Cultura e Barbárie, 2018.

HARAWAY, Donna. O manifesto das espécies companheiras: cachorros, pessoas e alteridade significativa. Trad. Pê Moreira. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

HARAWAY, Donna. Quando as espécies se encontram. Trad. Juliana Fausto. São Paulo: Ubu, 2022.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu: palavras de um xamã yanomami. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

TSING, Anna Lowenhaupt. Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.

TSING, Anna Lowenhaupt. O cogumelo no fim do mundo: sobre a possibilidade de vida nas ruínas do capitalismo. Trad. Jorge M. Barreto e Yudi Rafael. São Paulo: n-1 edições, 2022.



– *Fernanda Haskel*

Início da hibridização com seres do mar e da floresta.

Fabulações Especulativas e Arte como Imaginação Política.

Desde uma ilha da magia vendida do Atlântico Sul.

Pré-primavera, setembro no encontro entre 2023 e 3983.

Projeto de pesquisa e fabulação coletiva com o Humusidades

e Terra Batida: E lá no fundo, o que que tem? O encontro dos

tempos no entre-mar. Set. 2023.